

A REEMERGÊNCIA DA VIOLÊNCIA EM MOCÍMBOA DA PRAIA

Factos recentes, desafios de segurança e expansão do terrorismo em Cabo Delgado



Introdução

No dia 5 de Outubro de 2025, a província de Cabo Delgado completou oito anos sendo palco de uma insurgência armada que combina motivações religiosas, económicas e políticas, transformando-se numa das crises mais prolongadas e complexas de Moçambique independente. O conflito, inicialmente concentrado nos distritos do norte, expandiu-se gradualmente para o centro e o

sul da província, atingindo populações civis, estruturas do Estado e actores humanitários.

A violência, marcada por decapitações, raptos, destruição de infraestruturas (públicas e privadas) e deslocamentos em massa, expôs as limitações do Estado em garantir segurança e governação efectiva em territórios periféricos, ricos em recursos naturais, mas historicamente negligenciados. Segun-

do dados do Projecto de Localização de Conflitos Armados e Dados de Eventos (ACLED) e da Organização Internacional das Migrações (OIM), mais de 6.000 pessoas perderam a vida e cerca de 1,3 milhão foram deslocadas desde 2017, em consequência directa da violência armada.

Entre os espaços mais simbólicos deste conflito, destaca-se a vila de Mocímboa da Praia, local de onde eclodiram os primeiros ataques em 2017 e que, desde então, tem sido alternadamente ocupada por extremistas violentos e forças governamentais. Mocímboa representa um epicentro militar, político e psicológico da insurgência, pois é simultaneamente o ponto de origem da revolta e o principal espelho das fragilidades da resposta do Estado ao conflito.

Cada vez que os insurgentes regressam à vila,

ainda que por breves incursões, enviam uma mensagem de poder e resistência, reafirmando a sua capacidade de desafiar a autoridade nacional e de se reconstituir socialmente entre as comunidades locais.

O presente texto analisa os recentes ataques e incidentes registados em Mocímboa da Praia, Balamá e Montepuez, destacando o padrão de reemergência da violência, a crescente audácia dos insurgentes e o seu reposicionamento estratégico. A partir desses factos, propõe uma leitura crítica sobre o significado da presença constante e o “à vontade” dos grupos armados em Mocímboa da Praia, bem como as principais ilações e implicações políticas, sociais e de segurança que decorrem da expansão do terrorismo para novas zonas da província.



A invasão da mesquita e o retorno do medo em Mocímboa da Praia

A vila de Mocímboa da Praia voltou a ser palco de episódios de violência armada que mostram a fragilidade do controlo do Estado e a persistência das células do grupo extremista violento naquele distrito. Na noite de terça-feira, 7 de Outubro de 2025, um grupo armado, trajado de fardas das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM),

invadiu uma mesquita local, por volta das 17 horas, no Bairro de Mabubussi, e dirigiu uma palestra aos fiéis presentes, apelando à adesão e defesa dos extremistas violentos em detrimento do Estado moçambicano.

Nos vídeos que circularam nas redes sociais, os indivíduos afirmaram agir em nome da fé islâmica,



tentando legitimizar o extremismo através de uma retórica religiosa e de proximidade com as comunidades locais. O administrador distrital de Mocimboa da Praia, Sérgio Cipriano, confirmou o incidente, sublinhando que não houve vítimas nem danos materiais, e assegurou que as forças de defesa e segurança estão a investigar o caso.

O episódio, embora aparentemente sem vítimas, constituiu um gesto simbólico e político de grande impacto, principalmente pelo facto de os insurgentes armados, disfarçados de militares nacionais, ocuparem um espaço sagrado no coração da vila e discursarem livremente diante de civis. Isto demonstra confiança e domínio do terreno, bem como um nível de infiltração e inteligência preocupante.

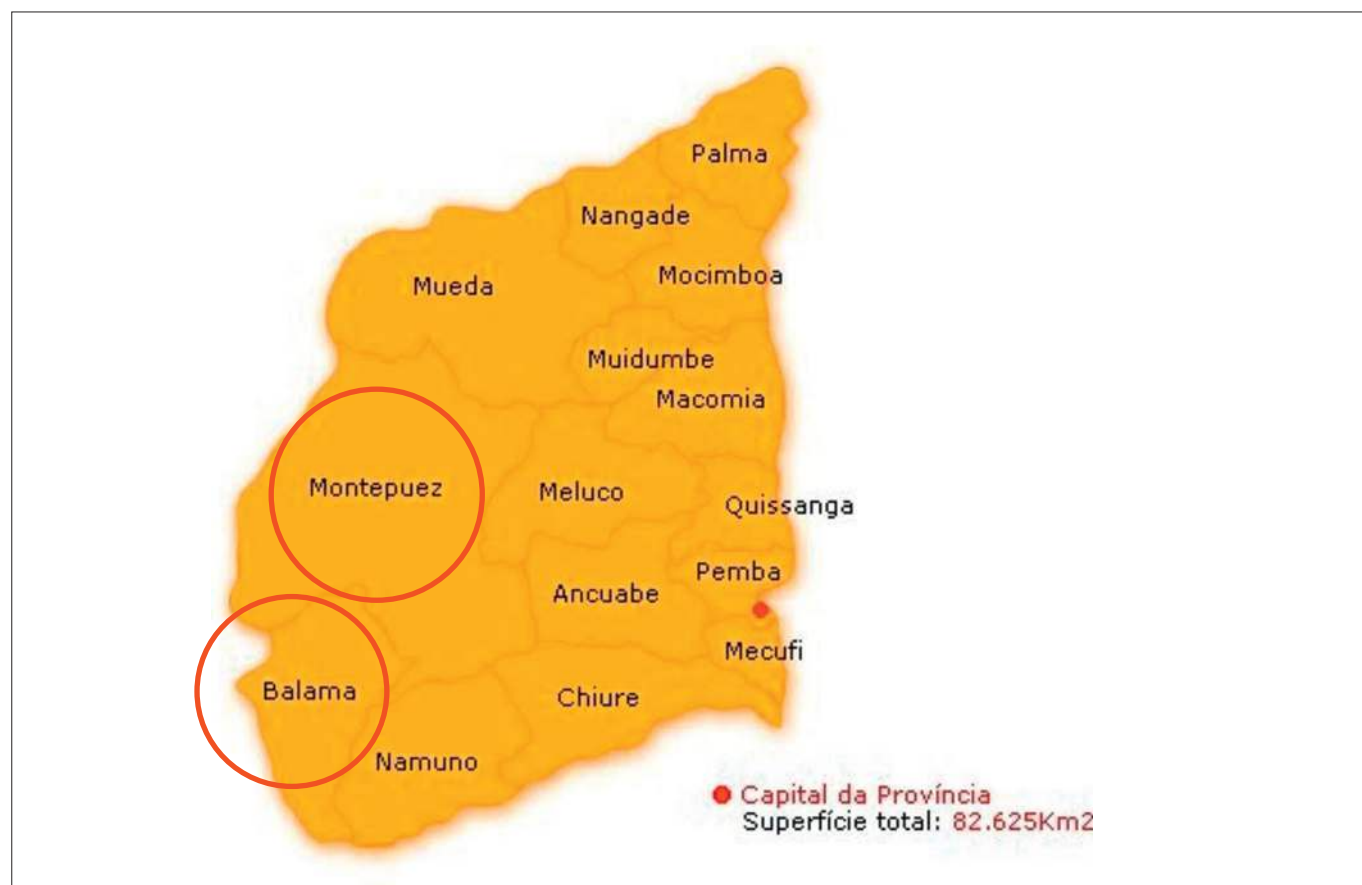
Esta incursão ocorre apenas duas semanas após o ataque de 21 de Setembro de 2025, também em Mocimboa da Praia, onde quatro homens foram decapitados e três pessoas raptadas no bairro Filipe Jacinto Nyusi. O ataque começou de madrugada, quando os extremistas invadiram residências e ata-

caram famílias, enquanto estas dormiam. Durante a fuga, deixaram uma mulher ferida por bala e apenas um dos raptados foi libertado após pagamento de resgate.

A violência regressa, assim, a uma vila que começava a respirar sinais de normalidade, após quase três anos de deslocamentos em massa e abandono forçado. O ataque de 7 de Setembro, por sua vez, havia deixado quatro mortos, entre eles três civis decapitados e um professor baleado na cabeça, nos bairros Josina Machel e 30 de Junho, coincidindo simbolicamente com o Dia da Vitória, data nacionalmente celebrada. Uma viatura da Polícia da República de Moçambique foi encontrada abandonada no local.

Os acontecimentos de Setembro e Outubro de 2025 mostram a consolidação de um padrão preocupante, que sugere que os extremistas regressaram à vila, e começam a reocupar espaços urbanos e religiosos com aparente facilidade, expondo a vulnerabilidade das forças de defesa e segurança e a insegurança no dia-a-dia da população civil.

A expansão do conflito: Balama, Montepuez e o avanço silencioso da violência



Entretanto, os ataques não se restringem a Mocimboa da Praia. A violência espalha-se geograficamente, atingindo distritos antes considerados de risco reduzido. No distrito de Balama, pelo menos quatro pessoas foram assassinadas e várias casas incendiadas no posto administrativo de Mavala, a mais de 250 quilómetros de Pemba. As vítimas foram surpreendidas nas suas machambas, enquanto trabalhavam, e os atacantes roubaram alimentos antes de incendiar as residências. Este ataque causou movimentos de deslocação interna para as vilas de Balama-sede e Montepuez, revelando uma vez mais a dimensão rural e económica do conflito, que atinge directamente a subsistência das comunidades.

Poucos dias depois, no distrito de Montepuez, grupo de extremistas violentos matou três pessoas e queimaram várias casas na comunidade de Mirate, no posto administrativo de Nairoto, a cerca de 50 quilómetros da sede do distrito. O ataque, ocorrido na noite de domingo, provocou uma fuga em massa dos residentes, que abandonaram

a aldeia e se refugiaram nas matas. O medo generalizado também condicionou o tráfego na estrada R692, que liga Montepuez a Mueda, dificultando a mobilidade de pessoas e comercial numa zona estratégica de ligação entre o norte e o interior da província.

Os distritos de Chiúre, Muidumbe, Quissanga, Ancuabe e Meluco também têm registado ataques recentes, num contexto de recrudescimento da violência e expansão territorial do extremismo. Segundo dados oficiais, mais de 57 mil pessoas foram deslocadas apenas no distrito de Chiúre até final de Julho de 2025. A organização Médicos Sem Fronteiras (MSF) suspendeu as suas actividades em Mocimboa da Praia devido à insegurança crescente.

Desde o início do conflito em 2017, Cabo Delgado soma mais de um milhão de deslocados e milhares de mortos, configurando uma das mais graves crises humanitárias e de segurança em Moçambique desde a guerra civil e uma das mais negligenciadas do mundo.

Presença “à vontade” e significado político da insurgência

A presença constante e aparentemente “à vontade” dos terroristas em Mocímboa da Praia constitui um sinal inequívoco de reconfiguração estratégica do conflito em Cabo Delgado. A capacidade de infiltração em centros urbanos e o uso de fardas das FADM indicam um nível avançado de conhecimento das rotinas militares e civis, o que reforça hipóteses de infiltração, cumplicidade ou falhas graves de comando e controlo no dispositivo de segurança do Estado.

O acto de invadir uma mesquita e realizar uma palestra representa uma provocação militar e trata-se de um gesto de mobilização ideológica, destinado a reconquistar legitimidade social e religiosa junto das comunidades locais. O uso da fé islâmica procura reverter a narrativa oficial que qualifica os extremistas apenas como criminosos, apresentando-se

como defensores de uma causa espiritual e social.

A reincidência de ataques em Mocímboa da Praia, um antigo bastião dos extremistas que simbolizou a “libertação” pelas forças conjuntas do Estado e do Ruanda, revela a falência parcial das operações de estabilização e o vazio de governação efectiva nos territórios “reconquistados”. O retorno da população civil, sem segurança consolidada, expõe as comunidades a novos ciclos de violência e deslocamento, corroendo a confiança nas instituições públicas.

O “à vontade” com que os insurgentes circulam e actuam, sem resistência visível imediata, é também uma mensagem política, significando até que ponto o Estado é percebido como ausente, e as forças locais, tanto administrativas, como policiais e militares, carecem de meios e legitimidade para garantir segurança.



Considerações e ilações finais

A presença continuada dos terroristas em Mocímboa da Praia confirma a persistência estrutural do conflito e o fracasso das abordagens exclusivamente militares.

O controlo extremista sobre narrativas religiosas e o uso simbólico de espaços sagrados revelam uma guerra ideológica e social em curso, que ultrapassa o campo militar.

A expansão para distritos do sul de Cabo Delgado (Chiúre, Ancuabe, Montepuez) sugere uma estratégia de dispersão e desgaste, obrigando o Estado a dividir recursos.

A incapacidade de garantir segurança em Mocímboa e nos outros distritos recentemente atacados fragiliza a confiança no Estado e ameaça a viabilidade de projectos de reconstrução e desenvolvimento em Cabo Delgado.



MISSÃO:

Inspirar e impulsionar ações para proteger os direitos humanos, fortalecer a democracia e promover a justiça.

MISSION:

Inspiring and driving actions to protect human rights, strengthen democracy, and promote justice.

INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – Centro para Democracia e Direitos Humanos
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: André Mulungo
Assistentes do Programa: Artur Malate; Sheila Wilson; Marcia Massosste; Florentina Cassabue.
Autor: CDD
Layout: CDD

Contacto:
Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
Telefone: +258 21 085 797

 CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: <http://www.cddmoz.org>

PARCEIROS DE FINANCIAMENTO